

**NÚCLEO DE TRABALHO E PESQUISA SOBRE PRÁXIS E DIALÉTICA DE MARX
DO LABORATÓRIO DE ECONOMIA POLÍTICA E HISTÓRIA ECONÔMICA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

São Paulo, julho de 2017

**I RELATÓRIO GERAL de ATIVIDADES do NÚCLEO PRÁXIS
(PROJETO do LEPHE-USP)
– período 2015–2017 –**

Sumário

Apresentação

I - Atividades de pesquisa continuada e difusão científica

1.1 – Grupo de Estudos d'*O Capital* de Marx [desde 2015]

1.2 – Projeto Editorial de Divulgação Internacional do Pensamento Brasileiro [desde 2015]

II - Atividades de formação política e extensão universitária

2.1 – Fórum de Formação Política de Lideranças Comunitárias – “Universidade na Comunidade” [desde 2016]

2.2 – Projeto Político de Cooperação: Núcleo Práxis–Tribunal Popular [desde 2016]

III - Projetos futuros do Núcleo Práxis (em planejamento)

ANEXOS

ANEXO I – RELATÓRIO ESPECIAL [Detalhamento de Debates do “Fórum de Formação Política de Lideranças Populares” – atividade de extensão do Núcleo Práxis-USP/ 2016-2017]

i – Roteiro de Apresentação do 2º Debate – Jardim São Remo-Butantã-SP/ 2016

ii – Roteiro de Apresentação do 3º. Debate do Fórum – Jardim São Remo-Butantã-SP/ 2016

iii – Roteiro de Apresentação do 4º Debate do Fórum – Jardim São Remo-Butantã-SP/ 2016

iv – Entrevista Publicada no Jornal da São Remo (da ECA-USP) sobre o Fórum de Formação Política de Lideranças Comunitárias – “Universidade na Comunidade”/ 2016

ANEXO II – DOCUMENTAÇÃO VISUAL E DE IMPRENSA DAS ATIVIDADES DESCRITAS NO I RELATÓRIO GERAL

ANEXO III – DOCUMENTOS RELATIVOS À FUNDAÇÃO EM 2015 do NÚCLEO PRÁXIS – LEPHE-USP: 1- Ata de Formalização [Fundação: 1º de julho de 2015] ; 2- Declaração oficial da Coordenação do LEPHE-USP formalizando a vinculação do Núcleo Práxis como projeto da entidade [desde julho de 2015]

Apresentação

O **Núcleo Práxis** é um coletivo político e teórico ligado à Universidade de São Paulo, que congrega pesquisadores, educadores, militantes e ativistas oriundos de variadas instituições acadêmicas e entidades sociais, sendo especialmente voltado aos estudos emancipatórios e à sua inerente prática transformadora, e nesse sentido preocupado com questões atinentes ao desenvolvimento social humano: desde a crítica histórico-dialética da sociedade produtora de mercadorias, dentre outras formas de exploração humana, à investigação das possibilidades da prática socialista anticapitalista na conjuntura contemporânea de crise estrutural sistêmica.

Surgido em julho de 2015, o **Núcleo Práxis** está desde sua criação formalmente vinculado ao **Laboratório de Economia Política e História Econômica da USP** (LEPHE-USP) – entidade acadêmica fundada e orientada pelo professor **Wilson do Nascimento Barbosa**, e dirigida atualmente pelos professores **Lincoln Ferreira Secco** (coordenador), e **Everaldo Oliveira Andrade** (vice-coordenador), todos docentes do Departamento de História desta Universidade.

O **Núcleo Práxis**, portanto – conforme consta em documento (“Declaração”) anexado ao final desse *Relatório Geral* – é um dos vários projetos autônomos desenvolvidos no âmbito do LEPHE-USP, entidade de atuação independente e abrangente.

Inquietos com o atual cenário de sofrimento humano generalizado gestado pela relação de capital, os membros do **Núcleo Práxis** buscaram, como seu primeiro projeto, refletir alicerçados em uma base radical de crítica, elegendo para tanto *O Capital*, de Marx, como obra de apoio e ponto de partida de suas análises da sociedade – escrito em torno do qual vimos estabelecendo até então nossos debates no âmbito desse pioneiro projeto de pesquisa coletiva: nosso *Grupo de Estudos*.

Compõe a dinâmica do coletivo, ao lado desses mencionados debates investigativos, a organização de eventos (abertos ao público em geral) político-culturais de extensão universitária, e também de ensino e difusão do conhecimento, tais como: seminários, fóruns de formação, rodas de conversa, e atividades de militância junto a movimentos sociais, sobretudo aqueles comunitários de periferia, e de estudantes de nível médio e universitário. Nesses casos, a preocupação é com uma construção horizontal de objetivos, orientada ao protagonismo dos movimentos, segundo um diálogo que se estabelece entre o debate *teórico* denso, e as possibilidades meditadas de atuação *prática*.

Um nome como “Práxis” – conceito-luta com que Marx e Engels puseram a nu toda a histórica limitação das filosofias de até então – carrega um propósito que não somente recusa a ingenuidade de uma *teoria* supostamente asséptica, desligada da concretude das relações de produção, mas também rejeita as *práticas* engessadas de velhas leituras dogmáticas do marxismo com suas pretensas fórmulas, bem como o imediatismo incipiente que não concebe a força das estruturas abstratas de mediação social. Nesses termos, compreende-se que uma *práxis* efetivamente *dialética* – coletivamente transformadora do real –, deve ser *simultaneamente* teórica e prática, concebendo a partir desta inter-relação os limites e as possibilidades do devir. Acreditamos que uma ruptura com o capital deve prioritariamente superar esse estado *moderno*, artificial e impotente, de distanciamento entre teoria e prática.

I - Atividades de pesquisa continuada e difusão científica

1.1 – Grupo de Estudos d'*O Capital* de Marx [desde 2015]

Este projeto de pesquisa coletiva e formação continuada, embora ligado institucionalmente à Universidade de São Paulo, tem por proposta manter suas reuniões organizadas em espaços independentes da instituição, prezando por alguma autonomia – ora, no que for possível – em relação aos muros que restringem o mundo acadêmico. Assim, nossos encontros ocorrem normalmente em espaços vinculados a movimentos sociais de diferentes cunhagens – de preferência aqueles com os quais mantemos relação também em outros âmbitos. De início, as reuniões se deram em um espaço teatral de atores independentes, o Espaço Maquinaria/Teatro de Narradores (Bexiga-SP); aí se manteve até início de 2016, quando ocorre o fechamento deste espaço cultural de resistência (por motivo de corte de verba para editais artísticos, no movimento do golpe de Estado que ainda acomete o país), período em que as reuniões transitaram entre variados espaços – de ocupação de moradia popular (Terra Livre – Ocupação Aqualtune, Pinheiros-SP), ao Espaço Cultural da Rosa Latino-Americana (ERLA, Bexiga-SP); até que nos fixamos no atual espaço regular de encontros, a Biblioteca da Funarte-SP (Centro de São Paulo).

Os debates se estruturam de maneira tal que, a cada mês, um membro expõe criticamente uma parte ou capítulo da obra magna de Marx. A duração é de aproximadamente três horas, e o intuito nesta etapa é o de se elencar os elementos mais importantes de cada texto estudado. Com isso, a leitura conjunta e a posterior apresentação organiza os objetivos do *Núcleo Práxis*, movendo polêmicas em torno da interpretação dos métodos de estudo e exposição do pensamento de Marx; fomentando análises da conformação histórica relativa à redação do texto do autor e ao longo dos diferentes períodos de desenvolvimento crítico do capitalismo; arriscando interpretações da forma social hodierna e suas perspectivas; forçando as possibilidades teóricas negativas de abolição do capital.

Tais reuniões não possuem um formato predeterminado, sendo possível, de acordo com o desejo de cada apresentador, intervenções e comentários no decorrer, ou após as exposições. Contudo, costumam obedecer à seguinte ordem: exposição, seguida de debate aberto de envergadura teórica mais abrangente – com análises que relacionem a temática estudada com questões do contemporâneo.

Os textos – previamente lidos, meditados, e em seguida apresentados em grupo e debatidos – têm suscitado profundas discussões conceituais e acerca dos rumos das ações práticas sociopolíticas entre os membros participantes, notadamente em torno dos temas caracterizadores do *Núcleo Práxis*.

Participaram da leitura, que em breve completará seu segundo ano, e já está em vias de concluir o Primeiro Volume d'*O Capital*, os seguintes membros-pesquisadores: **Carlos Alberto Borba, Daniel Nunes Leal, Fabio Maldonado, Paulo Yasha, Roberto de Pasquale, Rogério V. Perito, Silvia Murad, Theophile Lourenço, e Yuri Martins Fontes L.**; além de esporadicamente termos a presença de ouvintes.

1.2 – Projeto Editorial de Divulgação Internacional do Pensamento Brasileiro [desde 2015]

Com o intuito de promover internacionalmente a reflexão de grandes pensadores brasileiros, o *Núcleo Práxis* amparou, desde 2015, seu primeiro projeto editorial, em parceria com a editora argentina *Ediciones Del Revés* (de Rosário): a tradução de textos selecionados político-historiográficos, filosóficos e mesmo manuscritos inéditos (pertencentes ao Arquivo do IEB-USP) de Caio Prado Júnior.

Este Projeto foi coordenado pelo membro-pesquisador **Yuri Martins Fontes**, quem organizou a publicação, selecionou os textos, escreveu a introdução e o prólogo da edição argentina, e orientou o trabalho como um todo dos tradutores e revisores participantes, além de traduzir e revisar alguns dos capítulos da obra.

O Projeto teve ainda a participação dos seguintes atuais membros do *Núcleo Práxis*, que o apoiaram tanto nas tarefas de tradução, como de revisão de vários dos seus capítulos: **Argus Romero, Fabio Maldonado, Ivan Leichsenring, Mariana M. Meyer, Pablo Carrizalez Nava, e Pedro Rocha Curado**.

Além dos membros do *Núcleo Práxis*, este Projeto contou com a participação de vários colaboradores pontuais externos – pesquisadores convidados pelo próprio *Núcleo*, e também aqueles chamados a cooperar pelo coordenador das *Ediciones Del Revés*, o editor Germán Abbet –, que contribuíram para a efetivação deste amplo trabalho, a saber: Laura Berchansky, María Chaumet, Mariú Biain, María Laura Corvalán, Ailton de Souza Pereira, Carlos dos Santos Fonseca, Mariana Cerdeira, Camila Carduz Rocha, e Karina de Oliveira.

Os escritos que compõem o livro são *traduções diretas* ao castelhano, que passaram em seguida por *revisões técnicas de tradução*, e finalmente por uma revisão final castelhana (parte que ficou a cargo da própria editora); a previsão é de que seja publicado ainda este ano (2017), com cerca de 300 páginas, já estando devidamente registrado legalmente.

Quanto aos textos que constituem a obra, vale ainda mencionar que a publicação foi prefaciada pelo professor Lincoln Ferreira Secco, do Depto. História-USP – Coordenador do LEPHE-USP.

A tradução foi comunicada (mediante e-mail e telefone) aos detentores dos direitos legais sobre a obra do autor, os quais não impuseram objeções; em seguida, estes nos colocaram em contato com a editora a que compete os direitos legais em língua portuguesa, a qual por sua vez afirmou não ter direitos com relação a edições em línguas estrangeiras, e tampouco objeções – de modo que se agradece a todos, nomeadamente à professora Maria Cecília Naclério Homem, e à neta do autor, Carla Prado, quem coordenou a autorização geral informal familiar.

O livro está composto da seguinte maneira (SUMÁRIO já apresentado em castelhano):

Sumario; I- Prólogo a la Edición Argentina (Yuri Martins Fontes); II- Prefacio a la Edición Argentina (Lincoln Secco); III – Introducción: Filosofía de la Praxis y Teoría de la Historia en Caio Prado (Yuri M. Fontes);

PARTE I - ESCRITOS POLÍTICO-HISTORIOGRÁFICOS [EXTRACTOS]: 1- Evolución Política de Brasil; 2- URSS: un nuevo mundo; 3- Formación del Brasil Contemporáneo [Introducción; Sentido de la Colonización; Poblamiento del Interior; Economía; Agricultura de Subsistencia; Comercio; Organización Social; Vida Social y Política]; 4- Historia Económica del Brasil; 5 - La Revolución Brasileña;

PARTE II - ESCRITOS FILOSÓFICOS Y MANUSCRITOS INÉDITOS [EXTRACTOS]: 6- Dialéctica del Conocimiento [Tomo I; Tomo II]; 7 - Notas Introductorias a la Lógica Dialéctica; 8- El Mundo del Socialismo; 9- Que es Filosofía; 10 - Cuadernos y Correspondencia [Manuscritos Inéditos].

O Registro Bibliográfico Legal da obra (no prelo), na República Argentina, é este que se segue:

Prado Júnior, Caio. Historia y filosofía brasileña / Caio Prado Junior ; Yuri Martins Fontes ; editado por Yuri Martins Fontes ; German Abbet. - 1a ed. - Rosario : Del Revés, 2016.

296 p. ; 20 x 14 cm.

ISBN 978-987-3852-14-5 .

1. Historia de América Siglo XX. 2. Historia Social. I. Martins Fontes, Yuri. II. Martins Fontes, Yuri, ed. III. Abbet, German, ed. IV. Título. CDD 306.09

É desejo do coletivo, tão logo publicada esta edição, promover lançamentos da obra em variados países da América Latina, em ocasiões como Congressos e Simpósios Internacionais; além de sua disponibilização livre e gratuita por meio digital.

Finalmente, vale mencionar que desde a concepção deste Projeto Editorial, a ideia do coletivo foi a de traduzir escritos fundamentais da obra do grande marxista brasileiro Caio Prado Júnior tanto para o espanhol, quanto para o francês.

Assim, conforme terminada essa primeira etapa “castelhana” do projeto, a intenção é nos dedicarmos à etapa “francesa” – de forma a difundir, como merecido, por entre o enorme público de fala latina, esse historiador e filósofo pioneiro na formação do autêntico pensamento latino-americano contemporâneo, que foi quem primeiro elaborou uma análise materialista dialética de nossa história, legando ainda ao marxismo como um todo conceitos de teor universal.

Contatos neste sentido, particularmente com a editora parisiense *Syllepse*, já foram começados.

II - Atividades de formação política e extensão universitária

O Núcleo Práxis, ao lado de suas atividades de pesquisa e divulgação científica, promoveu e participou das seguintes atividades de formação e extensão, a partir de 2016, tendo por intuito a aproximação da produção intelectual acadêmica universitária, da sociedade que a cerca e mantém, a saber:

2.1 – Fórum de Formação Política de Lideranças Comunitárias – “Universidade na Comunidade” [desde 2016]

Este Projeto vem sendo desenvolvido mediante ciclos semestrais de Debates, no formato de “Fórum” – no intuito de promover a fala não só dos apresentadores de cada Debate Temático, mas também das diversas lideranças comunitárias e demais interessados que se fazem presentes a cada encontro, o que é facilitado pela disposição espacial democrática da “roda de conversa”.

Trata-se de uma atividade de “extensão universitária” iniciada em 2016, em meio ao processo de golpe de Estado parlamentar-jurídico-midiático que colocou a atual máfia política no poder, retirando em poucos meses direitos fundamentais dos trabalhadores conquistados em quase um século.

Deste modo, fez-se incontornável que os temas desenvolvidos pelo **Núcleo Práxis** neste projeto promovesse a visibilidade e a compreensão do referido processo reativo-conservador e de agressão social – expondo e trabalhando junto à população fatos que, como se sabe, vinham sendo sistematicamente omitidos pela mídia corporativa golpista.

Assim, com o apoio logístico e de divulgação de Reginaldo Santos da Luz, coordenador do *Projeto Alavanca* (Jd. São Remo), e de José Fábio Barbosa Ferreira, coordenador do *Fórum de Sustentabilidade do Butantã* que mantém contato regular com cerca de 90 comunidades da Zona Oeste de S.P., e com participação efetiva de docentes e pesquisadores da USP (especialmente dos Deptos. de Filosofia, História e Jornalismo, e do próprio LEPHE-USP), e também da PUC-SP (do Núcleo de Estudos de História: Trabalho, Ideologia e Poder –NEHTIPO, e do Centro de Estudos de História da América Latina– CEHAL), desde julho de 2016, temos trazido a comunidades periféricas debates regulares (inicialmente na Zona Oeste, nas sedes do Projeto Alavanca, e da Associação de Moradores da São Remo, ambas no Jardim São Remo – Butantã, mas também em Pinheiros, na ocupação Aqualtune – do Movimento Terra Livre Campo e Cidade) sobre a conjuntura política brasileira, propiciando assim uma maior interação entre pesquisadores e professores universitários, e o público comunitário.

Nosso objetivo é o de que os profissionais da academia – intelectuais e cientistas – compartilhem com os trabalhadores mais vulneráveis socialmente – de favelas a bairros periféricos da metrópole – o variado conhecimento *transformador* que é fruto de seus trabalhos, promovendo assim a interação entre os saberes ditos “científicos” e os conhecimentos práticos da “sabedoria popular”.

Na ocasião do Ciclo de Debates do ano de 2016, foram trazidos professores e pesquisadores ligados à PUC-SP, à USP e a outras universidades metropolitanas, que abordaram temas como: “A Situação do Negro e do Índio no Brasil”; “Homofobia, Transfobia e Machismo”; “Conjuntura Política Brasileira – direitos sociais ameaçados”; “Mídia Corporativa e a Ideologia Dominante”.

Na continuidade deste Projeto, no segundo semestre deste ano de 2017 abordaremos temas como: “Habitação Popular”, “Direito à Saúde (o problema do SUS)”, “Direitos das Minorias e das Mulheres”, “Desigualdade Social como fato Histórico”, “Política econômica, Trabalho e Consumo”.

Deste Projeto, participaram diretamente, em atividades de organização e participação em debates, os seguintes membros do *Núcleo Práxis*: **Carlos Alberto Borba, Daniel Nunes Leal, Eduardo Januário, Fabio de O. Maldonado, Givanildo Manoel, Isaac Rodrigues, Mariana Mendonça Meyer, Paulo Yasha, Rogério V. Perito, Roberto de Pasquale, e Silvia Murad** – além de diversos professores e pesquisadores convidados.

[* RELATÓRIO ESPECIAL com detalhamento dos debates promovidos por este FÓRUM está ANEXO ao final desse I RELATÓRIO GERAL]

2.2 – Projeto Político de Cooperação: Núcleo Práxis–Tribunal Popular [desde 2016]

Em meados do ano de 2016, o *Núcleo Práxis*, através do empenho e coordenação de **Givanildo Manoel, Paulo Yasha da Fonseca, e Silvia Murad**, aproxima-se do *Tribunal Popular*, mediante reuniões e discussões sobre a conjuntura política atual. A partir do início de 2017, participa da organização do Tribunal Popular. Este tribunal informal é uma iniciativa política coletiva que atua junto a movimentos sociais, partidos, coletivos, sindicatos, lutadoras e lutadores de várias partes do mundo, em nome de um projeto comum de humanidade.

Por meio de sessões permanentes de articulação e debates coletivos procura-se construir as bases para realizar um julgamento legítimo (embora extra-legal) dos crimes legais e ilegais cometidos pelo sistema capitalista, com o objetivo de colocar em debate os diversos temas relacionados à barbárie provocada por este sistema. Mediante diversas linguagens (apresentações de filmes, peças de teatro, música, poesia, artes plásticas, mesas de debates etc.), busca-se construir tanto um retrato do que acontece hoje em nosso país, em nosso continente e no mundo; como também, com a finalidade de dar continuidade à história de luta da resistência anticapitalista, fomenta-se práticas formativas políticas e militantes, ao colocar

em diálogo o presente e a memória de luta dos oprimidos para o enfrentamento dos novos tempos.

A organização do *Tribunal Popular* é articulada em reuniões semanais, que ocorrem atualmente no Sinsprev-SP, na qual são discutidas maneiras mais efetivas de se construir as bases que viabilizem a realização do debate crítico, que no momento versa sobre os seguintes “eixos”: 1- As megacorporações; 2- Povos originários; 3- Ecossistema e capitalismo; 4- Democratização da terra; 5- Deslocamentos forçado no mundo; 6- Blocos econômicos e supressão de direitos; 7- Violência de Estado, Estado de exceção penal; 8- Acordo comerciais e consolidação da transnacionalização do capitalismo; 9- Meios de comunicação e o consenso construído; 10- Direito à cidade; 11- Racismo, machismo, LGBTfobia; 12- Economia colonial e descolonização da educação; 13- Resistência anticapitalista: MST, zapatistas (EZLN), mapuches, curdos, Farc-EP, ELN, etc.; 14- Dívida dos países com os bancos e organismos multilaterais; 15- Intervenção cultural do neoliberalismo no pensamento de esquerda; 16- Política intervencionista nos Estados-Nação do Oriente Médio.

Como exemplo da atuação pública do Tribunal Popular, destacamos as seguintes atividades:

1- No dia 24/06/2017, às 19h00, o *Tribunal Popular* participou do Café Filosófico da Periferia e conversou sobre encarceramento em massa, com a presença do Rap Liberdade e Revolução. Local: Avenida Inácio Dias, s/n, Piraporinha, zona sul da cidade de São Paulo; 2- Articulação para realização de debate sobre cidades/serviço social na Faculdade de Serviço Social – Fapss-SP; 3- Articulação para realização de um seminário sobre saúde com o Fórum Popular de Saúde; 4- Organização de uma mostra de cinema revolucionário a ser realizada entre os meses de setembro e outubro de 2017 em pelo menos quatro pontos da periferia da cidade de São Paulo (Zona Sul – Bloco do beco/ Zona Oeste – Kilombaque/ Zona Norte – Espaço do Rondino / Zona Leste – Jd. Pantanal), com a presença de cineastas que têm a revolução ou apresentam estética revolucionária como centralidade de suas obras (por exemplo, Maurice Capovilla, que participará debate da estreia da mostra, realizado após a exposição de seu filme “O Profeta da Fome”; além de sessões e debates com Thiago Mendonça, Carlos Pronzato, Bruno Melo, Nico, Lincoln, entre outros, em mostra que será encerrada debate sobre o tema: “A Importância do Cinema para a Classe Trabalhadora”); 5- Participação no “Agosto Indígena”, que é uma atividade realizada anualmente para debater sobre a luta indígena sem fronteiras e anticapitalista; 6- Participação no mês de agosto do seminário no Sefras sobre o Rafael Braga, em que se será realizado debate sobre o tema do encarceramento; 7- Organização de um seminário para debater a Greve Geral de 1917 e apresentação do filme sobre a Greve de 1917 do Carlos Pronzato (Mesa 1 – História da greve de 1917 e sua influência hoje no mundo do trabalho; Mesa 2 – As mudanças no mundo do trabalho; Mesa 3 – a participação e importância das mulheres na Greve de 1917; Mesa 4 – A importância de Greve Geral de 1917 e o sindicalismo hoje); 8- Articulação para participar do Fórum Social Sul em outubro, que mobiliza as regiões de Capão Redondo, Jd. São Luiz, Jd. Angela, M'Boi Mirim e Valo Velho para debater diversos temas da conjuntura atual; 9- Articulação para participar de grupos militantes que atuam no tema da educação, a fim de propor atividade; 10- Articulação com grupos Ecosocialistas para

proposição de atividade; 11- Articulação com grupos militantes da área jurídica ou que atuam no sistema de justiça para fazer uma reflexão e até um tribunal para julgar o Poder Judiciário; 12- Em outubro participaremos do debate com todos os partidos de esquerda que reivindicam a Revolução de 1917, para apresentar as suas visões sobre; 13- Em novembro pretendemos ter estofo para finalmente realizar a atividade de encerramento do Tribunal Popular, que é o julgamento fictício dos crimes reais cometidos pelo sistema capitalista.

Como se vê, o Tribunal Popular também se articula com outros grupos militantes e participa de atividades que já estão sendo pensadas por estes grupos, a fim de debater os “eixos” temáticos de maneira constante, ampla, e dividir responsabilidades.

III - Projetos vindouros do Núcleo Práxis (em planejamento)

Para além de nossas mencionadas atividades atuais – leitura crítica em grupo, e atividades junto a movimentos sociais, em especial comunitários –, esperamos, possivelmente ainda neste ano de 2017, expandir e variar nosso raio de atuação e intervenção. Entre as metas prioritárias do *Núcleo Práxis* estão:

- afinar e se possível sistematizar em traços gerais uma perspectiva teórica que ofereça um alicerce às diversas ações do coletivo;
- organizar uma publicação dinâmica de divulgação cotidiana do debate político (em formato de blogue), com análises de conjectura e difusão propedêutica do debate para o grande público;
- editar uma revista científico-acadêmica, na qual se possa promover a publicação de traduções de autores fundamentais à consistência do debate, bem como a republicação de textos clássicos, além de difundir artigos pertinentes a nossa proposta de mundo, reunindo tanto a produção interna do grupo, como de pensadores afins;
- organizar um coletivo que pesquise e elabore verbetes para compor uma ampla publicação em forma de “dicionário” acerca do marxismo latino-americano.
- como mencionado, traduzir para o francês e publicar (impresso e digital, se possível), com acesso gratuito e livre para o grande público, seleção de textos de Caio Prado (após a edição castelhana, em vias de conclusão).

Anexo I

RELATÓRIO ESPECIAL

[Detalhamento de Debates do “Fórum de Formação Política de Lideranças Populares” – atividade de extensão do Núcleo Práxis-USP/2016-2017]

I – Roteiro de Apresentação do 2º Debate – Jardim São Remo – Butantã-SP/ 2016 (por Rogério Vincent Perito)

Debate conduzido por: Rogério Vincent Perito (Saúde Pública-USP/ Economia-PUC-SP) e Yuri Martins Fontes Filosofia-USP/ História-PUC-SP)

Tema: “Conjuntura Política Brasileira – direitos sociais ameaçados”

Objetivo: Localizar a importância do estudo e da formação de lideranças populares a partir de uma visão do desenvolvimento histórico e econômico do capitalismo contemporâneo.

Metodologia: Foi apresentado o desenvolvimento histórico do capitalismo em sua fase com hegemonia do capital portador de juros e capital fictício, como resposta ao processo de queda de taxa de lucro do capitalismo central. A partir da fala inicial foi aberto debate com as lideranças, foi tensionada a experiência prática de cada um com a sistematização histórica apresentada. Debates questões como processo de precarização do trabalho como necessidade de retomada de acumulação de capital. Desnacionalização das economias, sobretudo periféricas, com forte impacto na qualidade do serviço ofertado, diminuindo os espaços de soberania, controle nacional e capacidade de realizar políticas como necessidade do movimento do capital. E, por último, o processo de mercantilização da reprodução da própria vida, transformando todos os espaços em espaços de acumulação e realização de capital.

1 – A referência histórica da constituição cidadã de 1988. Lembramos que o pós guerra marcou o arranjo social do “pacto keynesiano”. O tratado de Breton Woods permitiu a constituição do modelo do Estado de Bem-Estar Social. A II grande guerra ceifou cerca de 38 milhões de vidas (excluindo os não europeus), o que representava a população da França em 1938. Além de transformar o espaço econômico europeu em terra arrasada. A combinação da destruição econômica e humana da guerra, o cenário político de grande organização dos trabalhadores (saldo a partir das resistências ao nazi-fascismo) e o perigo “vermelho” (a URSS) permitiu um arranjo de segurança social, inclusão na sociedade salarial e crescimento econômico que durante trinta anos (1945-1970/5) permitiu o financiamento de uma dinâmica de organização social conhecida pelo Estado social. O modelo constituído neste momento histórico específico serviu como paradigma para trabalhistas, socialistas, democratas e republicanos em geral, no Brasil, para o arranjo da constituição cidadã de 1988.

* Os economistas começaram a perceber que o mundo, em particular o mundo do capitalismo desenvolvido, passara por uma fase excepcional de sua história; talvez uma fase única.

Buscaram nomes para descrevê-la: “os trinta gloriosos” dos franceses (*le trente glorieuses*) a Era de Ouro de um quarto de século dos anglo-americanos (Marglin & Schor, 1990). (apud. Hobsbawn, Eric. *A Era dos Extremos*, 2001.p 253)

2 – O bem-estar social brasileiro: Um modelo tardio e inconcluso. É importante registrar que pela historiografia anglo-saxã o período entre 1945-1975 ficou conhecido como a “era de ouro”, enquanto pela francesa como os “trinta gloriosos”. Ou seja, o mundo crescia em taxas explosivas, A economia mundial, portanto, crescia a uma taxa explosiva. Na década de 1960, era claro que jamais houvera algo assim. A produção mundial de manufaturas quadruplicou entre o início da década de 1950 e o início da década de 1970, e, o que é ainda impressionante, o comércio mundial de produtos manufaturados aumentou dez vezes. A taxa de lucro das transnacionais inicia um ciclo decrescente, por sua vez, impacto no nível de crescimento do produto mundial. Assim que se inicia o ciclo de queda na taxa de lucro também se inicia um ciclo de reformas estruturais do capitalismo mundial. As reformas continham como elemento norteador a recuperação da taxa de lucro do capitalismo, neste sentido, dois processos são presentes nas diversas experiências liberais-conservadoras: i) transformar espaço de controle estatal em espaço de acumulação privada de capital – privatizações; ii) precarização das relações trabalhistas, aumento do nível de extração de mais-valia. Assim, quando a constituição cidadã é aprovada estava em curso no mundo uma verdadeira cruzada liberal, por trás da aparência do discurso da eficiência estava o imperativo de mercado exigindo sacrifícios sociais em nome da retomada da taxa de lucro e do financiamento dos credores das dívidas públicas. Qual o espaço que o Brasil tinha para financiar um modelo de bem-estar social nos marcos da economia de mercado?

3 – A financeirização como uma das causas contrariantes a queda da taxa de lucro. O cenário era marcado pela guerra do Vietnã, os EUA no labirinto da guerra iniciam um ciclo de déficit fiscal, com a desvalorização do dólar inicia-se um ciclo inflacionário. Os EUA parcialmente rompem com o tratado de *Bretton Woods*, com o sistema dólar-ouro. Paralelo a isso, a OPEP articula o primeiro choque no preço do petróleo. Inicia-se um ciclo em que os petro-doláres e os euro-doláres imobilizados, correndo o risco de desvalorização frente ao choque inflacionário da economia interna dos EUA, são transformados em linhas de crédito pela “*city of London*”, mercado inter-bancário. Estas linhas são oferecidas às economias periféricas e dependentes (no caso brasileiro o empréstimo, tomado por Delfim Neto, ajudou a financiar cerca de 15% do II PND), com taxas indexadas pela taxa de juros do FED; com a eleição de Reagan para presidente dos EUA, adotando uma política ortodoxo-antiinflacionária, subindo as taxas de juros e criando a crise da dívida na década de 1980; liberando o capital portador de juros para hegemonizar o ciclo de acumulação, criou-se uma verdadeira ditadura dos credores da dívida pública.

* Explicar algumas fórmulas para se pensar no desenvolvimento do capitalismo:

$$VT = (CC + CV) + MV$$

$$CC = CF + CC \quad TMV = MV / CV \quad TL = MV / (CC + CV)$$

II – Roteiro de Apresentação do 3º Debate do Fórum – Jd. S. Remo - Butantã-SP/ 2016

(por Roberto de Pasquale)

Debate conduzido por: Dennis de Oliveira (ECA-USP) e Roberto de Pasquale (ICB-USP)

Tema: Mídia Corporativa e Ideologia Dominante

Durante o encontro e o debate que realizamos na comunidade de São Remo, discutimos os principais aspectos da manipulação da mídia, para destacar os mecanismos midiáticos principais envolvidos no golpe de 2016 contra a presidente democraticamente eleita Dilma Rousseff. Começamos por considerar que os meios de comunicação raramente fornecem informações indubitavelmente falsas. Normalmente são utilizados métodos mais sorrateiros. Na verdade, nenhum informante pode contar todos os detalhes de um evento. Qualquer organização de notícias deve necessariamente fazer uma seleção do que pode ser considerado notícia e do qual aspecto focar nas notícias. A tentativa de objetividade é sempre construída de partida de um método que utiliza pontos de vista subjetivos.

Nesse sentido, é possível identificar alguns padrões de manipulação. Um deles é o padrão de ocultação, em que alguns detalhes dos fatos são omitidos, por exemplo, podem ser omitidos aspectos que afetariam uma parte específica da sociedade. Outro padrão é o padrão de fragmentação. Nesse caso, eventos específicos são apresentados como disjuntos e atomizados, impedindo que o leitor possa fazer conexões para obter uma visão geral. Outro é o padrão de reversão, ou seja, a inversão de importância e ênfase ao relatar os particulares. Algumas notícias fazem com que o leitor preste atenção na forma, deixando o conteúdo em segundo plano; outras notícias relatam a versão oficial da autoridade como a verdade; outras notícias não se preocupam em descrever fatos objetivos seguindo um método, mas simplesmente listam pontos de vista, opiniões e versões, sem preocupar-se são confiáveis. Todos esses elementos juntos formam um padrão de indução, no qual os fatos são narrados de modo a induzir uma conclusão enganosa.

Há também um processo que transforma o que deve ser a informação em um jogo de emoções, ou seja, transforma a notícia em entretenimento. O leitor é levado a procurar e repetir esse tipo de entretenimento, evitando as notícias com conteúdo de conhecimento que requerem desempenho para a compreensão. Os fatos são expostos com sensacionalismo para provocar emoção. As testemunhas são chamadas, não para falar fornecer informações, mas sim para expor sua dor e sentimentos, a fim de alimentar o conteúdo emotivo da notícia. Ao final, as autoridades estaduais tranquilizam o leitor dizendo que o mal será reprimido, similarmente a um final feliz de um romance.

Finalmente, discutimos os objetivos que levam a mídia a manipular a população. Em parte, a manipulação busca a obtenção de benefícios econômicos diretos pela mídia. Em parte, a manipulação busca vender produtos comerciais, transformando a informação em produtos de diversão. No entanto, a motivação principal é uma motivação política, e isso é o que nos interessa mais para nossa análise do golpe de Estado de 2016. A grande mídia comporta-se como um partido político. Ela age para causar consequências políticas e consegue fazer isso de uma forma poderosa e eficaz, pois ela nunca aparece como partido político tradicional. Ela é isenta da obrigação de cumprir as promessas eleitorais. Ela não parece ser responsável pela decisão política e, portanto, não está sujeita a críticas por parte da população. Apesar disso, ela tem um efeito muito poderoso em direcionar o resultado de uma campanha eleitoral. Também

ela pode fomentar ou atenuar protestos populares. Dessa forma, ela é de fato uma força política. O golpe de 2016 demonstrou claramente que nenhum partido político pode se sustentar a longo prazo sem o apoio da grande mídia.

III – Roteiro de Apresentação - 4º Debate do Fórum – São Remo/2016

(por Givanildo Giva Manoel)

Debate conduzido por: Giva Manoel (Tribunal Popular e militante do Movimento Indígena) e Eduardo Januário (doutorando em História-USP e militante do Movimento Negro)

Tema: Racismo – a Questão do Negro e do Índio no Brasileira

“Viver sem conhecer o passado é andar no escuro”

Uma história de amor e fúria: Um debate importante se faz necessário, principalmente porque é fundamental na luta por uma sociedade mais justa, que é a necessidade de se fazer uma consistente campanha pela autoidentificação indígena no Brasil. Esse processo nos ajudará, e muito, a conhecer nossa história, na qual iremos encontrar uma rica trajetória de luta e resistência à invasão europeia por essas bandas.

Sei que nosso imaginário foi sendo desconstruído de diversas formas, inclusive com o apagamento da história dos povos indígenas, ao passo que nos foram revelados apenas vestígios dela, que reproduzimos sem nenhuma análise crítica, como é o caso do famoso discurso: “tenho sangue indígena, minha avó (ou bisavó) foi pega a laço”. Nunca fazemos a reflexão acerca do que significa uma mulher ser “pega a laço” e você existir, contar essa história e nunca pensar que aquela pessoa foi sequestrada do seu povo e violentada por diversas vezes, vítima de uma guerra e da sua arma mais sórdida, que afeta única e exclusivamente as mulheres: o estupro. Nesse caso, usado como arma para impor a dominação através da limpeza étnica.

O estado brasileiro assim foi sendo construído. Para atender aos interesses dos invasores, foi agindo pela eliminação dessa memória. Para que os dominadores se consagassem, não poderia ficar vestígios de que nestas terras já viviam diversos povos, pois, se houvesse disputa nos marcos legais, esse seria um grande impedimento para a exploração dos recursos desses territórios. Esse processo tem início no Nordeste brasileiro, primeira região a receber a invasão europeia. Ao não se renderem aos invasores, os povos indígenas foram obrigados a buscar regiões no interior nordestino para que pudessem resistir aos ataques europeus, ou migraram para outras regiões do país, como é o caso dos Xavantes. Depois de tanto massacre, os povos, por muito tempo, foram silenciados pela escravidão, que erroneamente nossos livros de história ensinam como terminada para eles no começo da invasão europeia, mas que, oficialmente, só se encerrou em 1831 e na prática, durou até o século XX, quando ainda existiu relatos de escravização indígena.

Esse genocídio, aliado a um etnocídio pelo medo, impôs um silêncio aos povos nordestinos, que buscaram o momento certo para se levantarem, o que ocorreu na década de 80 após a promulgação da Constituição e a mudança de status dos povos indígenas. Muitos daqueles que se tornaram trabalhadores rurais, principalmente moradores das regiões mais inóspitas, como é o caso dos sertões, passaram a assumir a sua verdadeira identidade, isso fez com que o número

de povos identificados pulassem de duas para nove dezenas em pouco tempo. Não é difícil perceber que o Nordeste é indígena. Os mamelucos, caboclos, cafuzos, todas aquelas denominações que desqualificam suas identidades, muitos deles Pankararus, Pankararés, Xucurus, Fulniôs, Tupinambás, Pankarás, Pataxós, dentre tantos outros, se escondem em uma população de 54 milhões de habitantes.

Nas décadas de 30 e 40, na marcha para o oeste, foram organizados confinamentos territoriais com nomes de “Reserva”, colocando povos diversos, com suas diferenças entre si, em um mesmo espaço geográfico, numa verdadeira tragédia anunciada. Mas foi na década de 60 que o estado brasileiro declarou de forma clara a sua intenção de eliminar os indígenas até a década de 80, conforme exposto por um dos ministros da ditadura, Mário Andreazza. O massacre continuado fez com que muitos indígenas também se escondessem atrás de uma pele branca, mais aceita socialmente, ou da negra, que apesar da opressão, ao menos, não eram considerados como selvagens ou animais.

O estado, cioso do seu projeto, legitima através do seu instituto de pesquisa (IBGE) a caracterização do que é ser indígena, que deliberadamente desconsidera o que, na realidade, foi o processo de mestiçagem. Um processo de apagar a identidade indígena, ou negra, mas que foi muito mais eficiente com os indígenas. O estado, assim, assume seu papel etnocida. Mas, ao nos depararmos com esses mesmos dados do IBGE, eles nos revelam informações importantes. Vamos a eles:

Na região da Amazônia, são 24 milhões de habitantes, sendo que 70% deles se declaram mestiços e somente 4% se identificam como indígenas! Em São Paulo, considerada “a maior cidade nordestina”, na década de 70, a cada 10 habitantes, 7 eram nordestinos. Hoje, entretanto, a relação é bem menor (porque os filhos daqueles nordestinos são paulistas). Ainda, a capital paulista, em sua história, teve diversos povos indígenas, muito bem lembrados em várias de suas referências (Guaianases, Anhangabaú, Caiowás, etc.), e é a cidade que possui a segunda maior população indígena, de acordo com os dados oficiais: 40 mil pessoas. Mesmo assim, aceitamos que temos somente quatro aldeias em todo o município e mais alguns povos espalhados pelos bairros. Essas são algumas reflexões importantes para que possamos rechaçar esse número de 860 mil indígenas que o IBGE tenta legitimar.

Quando verificamos os dados novamente, outra capciosa caracterização: 51% se declaram negros, sendo que 18% desses consideram-se mestiços! Dados esses que todos os grupos vêm reconhecendo sem nenhum questionamento. Sem querer discutir interesses, consciente ou inconscientemente acabam por corroborar um bárbaro crime, que é o do etnocídio, desta forma trabalhando pelo projeto de dominação deste estado perverso e brutal, destrutivo do ser humano e da natureza.

Assim, neste momento, é fundamental que se faça o auto-reconhecimento, assegurado pela Resolução da OIT 169 que garante essa prerrogativa a qualquer pessoa que assim o desejar e que tenha algum elemento que comprove isso. Essa revisão passa por cada um de nós. Uma profunda reflexão individual, baseado nas histórias orais que muitos temos em nossas famílias, pode colocar em outro patamar a luta dos povos indígenas em todos os aspectos, desde a disputa territorial, passando pela reivindicação de que seus mortos sejam enterrados com direito a memória.

IV – Entrevista Publicada no Jornal da São Remo (da ECA-USP) sobre o Fórum de Formação Política de Lideranças Comunitárias – “Universidade na Comunidade”/ 2016

[edição completa publicada no portal do Jornal da São Remo (ECA-USP): www2.eca.usp.br/njsaoremo – e edição reduzida no jornal impresso]

Entrevista do Jornal da São Remo com Yuri Martins Fontes*

Ciclo de debates do “Fórum de Formação Política de Lideranças Comunitárias” movimentando a Zona Oeste

** Yuri Martins Fontes é coordenador do Núcleo Práxis (projeto do Laborat. Economia Política e História Econ. da USP), e um dos organizadores dos debates de formação política que vêm ocorrendo na São Remo. Atualmente [2016] desenvolve pesquisas sobre saberes tradicionais e o marxismo (USP e PUC-SP), tendo se doutorado em história latino-americana. Exerce também atividades como jornalista e professor.*

Conte-nos um pouco deste Ciclo de Debates que vem aproximando universidades e comunidades?

O Ciclo de Debates do “Fórum de Formação Política” é organizado pelo Núcleo Práxis da USP. Trata-se de um projeto de “extensão universitária” iniciado na primeira metade deste ano, em meio ao processo de golpe de Estado parlamentar-jurídico-midiático que colocou a atual máfia política no poder, retirando em poucos meses direitos fundamentais dos trabalhadores conquistados em décadas – embora tais fatos venham sendo sistematicamente omitidos pela mídia golpista (televisões, grandes jornais, etc).

Com o apoio da USP (departamentos de Filosofia e História) e também da PUC-SP (História/CEHAL), desde agosto, temos trazido a comunidades periféricas (inicialmente na Zona Oeste) debates mensais sobre a conjuntura política brasileira, mediante a interação entre pesquisadores e professores universitários com o público comunitário.

Acreditamos que esta é uma forma de os profissionais da academia – intelectuais e cientistas – compartilharem com os trabalhadores mais vulneráveis socialmente – de favelas a bairros periféricos da metrópole paulistana – o variado conhecimento que é fruto de seus trabalhos, de maneira a promover a interação entre estes saberes ditos “científicos” e os conhecimentos práticos populares, a chamada “sabedoria popular”.

O que é o Núcleo Práxis da USP e quais seus objetivos?

O Núcleo Práxis é um coletivo acadêmico de pesquisadores de pós-graduação e professores ligado à Faculdade de Filosofia da USP. Temos por metas o desenvolvimento de estudos e trabalhos práticos de caráter científico, educacional e social, tais como atividades de formação e extensão universitária.

Queremos assim, de modo didático, difundir por entre a população em geral um pouco da intensa produção de conhecimento e de metodologias práticas que são produzidas nas grandes universidades, mas que muitas vezes não chegam ao público de trabalhadores e estudantes – que são, na realidade, quem mais necessita desses conhecimentos.

Entendemos que nossa sociedade infelizmente é ainda repleta de conflitos graves e latentes, prontos a explodir, e que diante deste cenário, ora rude, ora trágico, é preciso que a população esteja informada sobre seus direitos sociais, sobre as formas de se defender – ou seja, sobre as mais efetivas maneiras de resistir contra as investidas políticas que diariamente vêm subtrair sua qualidade de vida.

O que os participantes devem esperar do curso?

Foi boa a sua pergunta. É importante frisar, antes de tudo, que não se trata aqui de querer trazer às comunidades “respostas” a cada problema pontual, ou “soluções prontas” para se reagir aos ataques políticos que vem sendo tramados contra eles – especialmente agora que os setores mais conservadores do país surrupiaram o poder.

Nosso objetivo é sim o de desenvolver ferramentas colaborativas que permitam a cada cidadão interpretar o atual momento crítico da realidade brasileira e mundial, oferecendo sobretudo à juventude e às lideranças comunitárias embasamento crítico para melhor compreenderem e agirem diante deste contexto de ataques ostensivos aos direitos sociais. Ou de outro modo, visamos qualificar o debate político que já existe nas comunidades – somar ideias.

Qual a dinâmica das palestras?

As palestras, ou melhor, “debates”, ocorrem uma vez por mês, normalmente uma noite de terça-feira (19h30 às 22h30). Neste semestre os eventos têm sido na sede do Projeto Alavanca, ou na sede da Associação de Moradores, ambas no Jardim São Remo (Butantã). Para quem é de fora, é fácil: os dois espaços ficam bem próximos ao Hospital Universitário da USP, a uns 100 metros. Para o próximo ano, pretendemos fazer debates itinerantes – Vila Dalva, Osasco, etc.

Vale ainda frisar que, como toda tarefa política e social exige tempo e persistência, optamos por ampliar o nosso plano inicial, que era o de realizar um único “ciclo de debates” em 2016, transformando este projeto em um ciclo de “formação continuada”, que visa prosseguir com estes diálogos nos próximos anos. Assim, foi visando esta atividade continuada, que demos início à construção deste “Fórum de Formação Política”, órgão suprapartidário [não ligado a nenhum partido] que se pretende um espaço permanente de diálogos com líderes comunitários e jovens estudantes – que possam, por sua vez, difundir tais ideias em suas próprias comunidades e ciclos sociais.

Quais os assuntos que foram ou serão tratados no Ciclo de Debates de 2016?

Os assuntos deste ano foram escolhidos dentre aqueles que consideramos os mais urgentes, no atual momento de ruptura política e derrubada do governo eleito. Optamos por debater temas que tratem da importância da educação política ativa, para impulsionar e defender as conquistas sociais – é o caso do problema da manipulação ideológica da grande imprensa, uma anti-educação. São discussões que almejam promover uma maior consciência política social.

Dentre os principais temas, vale citar: “Mídia, Ideologia e Manipulação”, “Realidade política brasileira e consciência social”, “Habitação e Direito à Saúde (o problema do SUS)”, “Direitos das Minorias e das Mulheres (machismo, racismo, homofobia)”, “Desigualdade Social e História”, “Política econômica, Trabalho e Consumo”.

Muitos professores da USP e PUC já confirmaram presença ou estiveram presentes neste semestre, inclusive alguns docentes bem conhecidos do público, como Paulo Arantes (USP), Vera Lucia Vieira (PUC) e Igor Fuser (UFABC), por exemplo.

Aliás, no último debate, esteve presente o professor Dennis de Oliveira (ECA-USP), bem conhecido de vocês, tratando com maestria justamente da questão dos modos utilizados pela televisão e grandes jornais para enganar sutilmente a população – omitindo fatos ou manipulando-os, de acordo com seus interesses.

Há algo que você ache pertinente acrescentar para os interessados?

Sim. Para que os participantes possam ter um registro formal destas atividades de formação política e capacitação, visando sua qualificação profissional, quero mencionar que ao fim de cada ano emitiremos “certificados de participação”, para aqueles que mantenham uma presença regular no período. E não há necessidade de começar bem no início do Ciclo: quem quiser ingressar com o Ciclo em andamento, basta ter uma participação regular, que ao fim do ano pode requerer o documento.

Por fim, convocamos os leitores a virem dialogar conosco, e lhes pedimos o favor de divulgar nossas atividades a todos os interessados em participar dos futuros debates. Divulguem entre os amigos, colegas e camaradas! Nossa página no *facebook* pode ser encontrada pelo nome: “Fórum de Formação Política – Núcleo Práxis”. Ou quem preferir, escreva para: nucleopraxis@googlegroups.com.

E, finalmente, duas palavras que eu deveria ter dito primeiramente: fora governo Temer, usurpador e golpista – a população não vai aceitar sua política excludente de braços cruzados!

ANEXO II

DOCUMENTAÇÃO VISUAL E DE IMPRENSA DE ATIVIDADES DESCRITAS NO I RELATÓRIO GERAL

1 - Fórum de Formação de Lideranças

[1^{as} Reuniões na Sede do Projeto Alavanca – Favela São Remo (Butantã-SP)/ 2016]

Debate:
Conjuntura Político-Econômica



Debate:
Feminismo/Machismo/Homofobia

Debate:
Racismo e Movimentos
Negro e Indígena



[Reunião do Fórum de Formação de Lideranças documentada por equipe de jornalismo de universidade espanhola em visita de estágio ao Brasil/ Apresentação do Debate (sobre Imprensa e Ideologia) pelo professor da ECA-USP Dennis de Oliveira]



Alguns Cartazes de Divulgação do Fórum de Formação Política

**Fórum de Formação Política, Cidadania e Liderança Comunitária
do Núcleo Práxis e Dialética – FFLCH/USP**

Universidade na Sociedade

**Terças-Feiras – 19h30 às 22h30 / Certificados aos participantes (70% presença)
Local: Sede do Projeto Alavanca – São Remo/ Butantã (ao lado do Hospital Universitário)**

julho – "Realidade brasileira: Política, Sociedade e Consciência social": José Fabio Barbosa (Secret. Habitação-SP), Yuri Martins Fontes (pós-doutorando Filosofia USP/ História PUC/ Núcleo Práxis-USP) e Rogério Vincent Perito (economista PUC/ pós-grad. Saúde Pública-USP/ Núcleo Práxis)

agosto – Televisão e a Ideologia das Elites – com Paulo Yasha (Filosofia-USP), Yuri Martins Fontes (Filosofia-USP/ História-PUC)

setembro – Situação dos Negros e Índios no Brasil – com Edu Januário (História-USP/ Movim.Negro), Dennis de Oliveira (Jornalismo-USP), Spensy Pimentel (Jornalismo-USP/ Antropologia-UFSBA)

outubro (início) – Machismo, Homofobia e Direito das Minorias – com Luciana Pinto (Arquitet.-USP/ Movim.Mulheres), Jean Tible (Ciências Políticas-USP)

outubro (final) – Habitação e Direito à Saúde (SUS como referência mundial) – com Fábio Maldonado (Relações Internacionais-PROLAM-USP), José Fábio Barbosa (Projeto Alavanca/ Secret. Habitação-SP)

novembro – Desigualdade Social e Desenvolvimento na História – com Antonio Carlos Mazzeo (História-USP), Carlos Alberto Borba (História-USP)

dezembro – Política econômica, Trabalho e Consumo – com Rogério Vincent Perito (Economia-USP), Edmilson Costa (Economia-Unicamp), Everaldo Andrade (História-USP)

Núcleo Práxis
Ciclo de Debates - 2016 / Apoio: LEPHE-USP e NENIPO-PUC-SP
FÓRUM DE FORMAÇÃO POLÍTICA DE LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS

RACISMO
A Situação do Negro e do Índio no Brasil

ABERTO A TODOS OS INTERESSADOS [com "Certificado de Participação"]

31/out/2016 — SEGUNDA-FEIRA – 19h30

Rua Aquianés, 35 (entrada a pé pelo HU-USP / a 150m)

Sede do Projeto Alavanca – Jardim São Remo/ Butantã/ SP

Debatedores

***Giva Manoel** – ativista de direitos humanos, educador e militante do movimento indígena

***Eduardo Januário** – professor, doutorando em História (USP) e militante do movimento negro

comunidade

Alavanca sedia debate sobre machismo

Evento discute a necessidade das minorias se unirem na luta contra discursos opressores

Rodrigo Brucoli
Vitor Garcia

Com o tema "Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais contra o machismo", o projeto Alavanca recebeu no dia 29 de setembro mais uma edição do Fórum de Formação Política de Lideranças Comunitárias. O debate foi organizado pelo Núcleo Práxis, da Universidade de São Paulo (USP), e contou com a presença de Terra Gammond, militante feminista da Primavera Bissexual e formadora de professoras na Faculdade Sumaré. Além de Terra, estiveram presentes no debate Fábio Barbosa, da subprefeitura do Butantã, Janeide Silva e Reginaldo Santos, do projeto Alavanca, Yuri Martins Fontes, do núcleo Práxis, integrantes da comunidade São Remo, alunos, professores da USP e do curso de extensão do Projeto Alavanca.

Terra analisou o quanto os valores sociais são construídos a partir de discursos opressores. Assim, abriu o debate respondendo à pergunta "por que somos contra o machismo?". De acordo com ela, essa atitude é um discurso dominante que diminui o valor das mulheres frente aos homens. Já o feminismo não seria um "machismo às avessas", mas sim uma luta por direitos iguais. A sociedade, de acordo com Terra, se orienta por diversos discursos hegemônicos, como o machismo e os padrões de beleza, os quais privilegiam a sociedade branca, rica, heterossexual, detentora de status social.

Diversidade sexual

Ao lado desses discursos, há uma série de outras práticas que muitas vezes são ignoradas pela grande mídia e tidas como improváveis. A esse respeito, a palestrante abordou a diversidade sexual expressa pela sigla LGBTQIAP (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queers, intersexuais, assexuais e pansexuais). A sigla tenta abarcar a maior diversidade possível de práticas sexuais, embora tal pluralidade muitas vezes seja combatida pelos discursos opressores.

Para Yuri Martins, a concepção dualista relacionada tanto à sexualidade quanto ao comportamento é opressora. "Não é só a mulher que o macho oprime na sociedade, ele oprime todos que não são exatamente o macho: o que não é heterossexual, em todos os meios termos". Tal opressão seria um problema pois a sociedade não é dualista. "Há várias nuances entre o preto e o branco, vários tons de cinza", afirma.

Minorias: uma luta comum

Janeide Silva complementou que os discursos dominantes não reprimem apenas os comportamentos que fogem ao padrão normativo. "O fato de eu ter um discurso, de ter um vocabulário, de ter a roupa, de ter a postura, não me dá o poder. Então, eu posso reproduzir tudo isso, mas se minha cor é negra, eu não vou ter acesso. Porque eu não tenho o poder".

Terra explicou que os discursos reacionários seriam justamente aqueles que reagem às mudanças da sociedade e que a única maneira de garantir a liberdade de todos os grupos tidos como minorias é assumir os espaços de poder. "É necessário assumir esses espaços já. Não se pode esperar."

Terra Gammond: participação e representatividade das minorias



Setembro de 2016 - Notícias do Jardim São Remo - 11

são remano

Hip hop transforma espaços na São Remo

Ideologia Fatal promove eventos culturais que trazem um clima de integração comunitária

Luna Bolina

Fernando, mais conhecido como Black Nandão, integra a dupla de rap Ideologia Fatal, destaque no cenário do hip hop da comunidade do Jardim São Remo. "C, ele conta que sua carreira teve início no disco tocando nas festinhas da São Remo até aliar-se a Mano Yee, sua dupla e um grande amigo. "São 22 anos de luta" - relembra o MC - "Eu não tenho meu estúdio aí pra gravar um CD que vai sair mais ou menos no final de outubro." Com letras que buscam retratar a o dia-a-dia na favela, eles deixam bem claro sua intenção na descrição da linguagem no Facebook: "Nosso foco é adquirir apoio e recursos para uma periferia melhor, e através de nossas rimas, ideias e ideais mostrar que periferia tem cultura e talento, entretanto, precisa de oportunidade, respeito e liberdade musical, essa é a nossa Ideologia Fatal."

Além de fazer apresentações pela Grande São Paulo, o grupo também promove eventos culturais e oficinas: "Temos um projeto aqui na São Remo que chama Composição Urbana, que é ali no Beco da Cachinha - que a gente já apelidou de Jardim do Eden. A gente faz oficinas de sábado, trazendo cultura do hip hop, trazendo a poesia, a literatura. É um sarau bem mesclado". Nas oficinas de hip hop para crianças do projeto Alavanca, a gente tem um projeto do Livro Bairo Praças Vivas, que tem oficinas de hip hop também na São Remo. A gente fez aqui também os espaços de dança, abandonados. A nossa demanda é ocupar e construir a moldada e a cultura hip hop." Cultura, essa que não se limita à música, aos grafite e DJ, mas também abraça a dança, o break, e a arte, com o graffiti.

O hip hop tem sua origem nos Estados Unidos em meados da década de 70, emergindo a partir do movimento musical afroamericano de resistência negra. O gênero nos guetos de Nova York chegou a ser posto à péssima qualidade de vida a qual era submetida a população negra, privada de direitos básicos e empurrada do centro da cidade para as periferias. A partir daí, se dá a construção de uma identidade negra, que engloba ritmos musicais, vestimentas, movimentos de dança e giras características. A cultura black power empoderou os negros a lutarem cada vez mais por seu espaço na sociedade.

No Brasil, o preconceito vigente ainda gera muita negligência do governo para com as populações periféricas, excluídas dos espaços públicos por barreiras simbólicas e, muitas vezes, concretas, sólidas, como é o caso do muro que cerca a comunidade São Remo. "Todo mundo criticava o hip hop né, criticava, critica ainda" - afirma Nandão - "mas o hip hop pra nós abriu várias portas." As "portas" da São Remo tendem a se abrir frente à ideologia do rap, que incentiva o uso dos espaços públicos, atraindo a população às ruas, enquanto promove um clima de integração importante para uma democracia saudável e cidadã.

Crianças participam de oficina de hip hop no Projeto Alavanca



2 - Reuniões do Tribunal Popular

Reuniões no ERLA – Bexiga - SP



3 - Grupo de Estudos Continuados – etapa d'*O Capital*

Reunião no ERLA – Bexiga-SP



Reunião na Biblioteca da FUNARTE (Centro-SP)



ANEXO III

DOCUMENTOS RELATIVOS À FUNDAÇÃO EM 2015 DO NÚCLEO PRÁXIS – LEPHE-USP

1- Ata de Formalização [Fundação: 1º de julho de 2015]



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ATA DE FORMALIZAÇÃO

Núcleo de Trabalho e Pesquisa sobre a Práxis e Dialética de Marx
(Laboratório de Economia Política e História Econômica / Universidade de São Paulo)

O *Núcleo de Trabalho e Pesquisa sobre a Práxis e Dialética de Marx (Núcleo Práxis)* iniciou suas atividades no mês de julho de 2015, enquanto projeto do *Laboratório de Economia Política e História Econômica da Universidade de São Paulo (LEPHE-USP)*, no intuito de desenvolver trabalhos de caráter científico, acadêmico e social, tais como atividades didáticas e de extensão universitária que fomentem o desenvolvimento de pesquisas e a divulgação da produção do conhecimento.

Projeto interdisciplinar inscrito na grande área das Ciências Humanas, o *Núcleo Práxis* se dedica a estudar a Filosofia e Historiografia contemporâneas, a partir da obra de Marx e de pensadores posteriores da corrente dialético-histórica, os quais, apreendendo e se apropriando dos princípios fundamentais da filosofia da práxis – ou materialismo histórico –, contribuíram para o desenvolvimento do paradigma filosófico-científico de nosso tempo, dito “contemporâneo”, ou “dialético-histórico”, no sentido de oposição tanto ao paradigma “moderno” (de viés positivista, cientificista), como ao “pós-moderno” (de viés niilista e relativista).

Entende-se que o atual paradigma epistêmico “dialético-histórico” constitui-se a partir do desenvolvimento de uma concepção científica e filosófica que se proponha, não apenas a refletir objetivamente sobre o mundo, mas a atuar mediante a análise dialética da sociedade, em busca de soluções para seus conflitos.

Tem-se como objetivos a pesquisa e compreensão ativa da história e da sociedade contemporânea, bem como a ação transformadora condizente com tais princípios que, fundada em uma visão totalizante da realidade histórica, busque alternativas para a crise socioeconômico-ambiental que se agrava neste início de século.

Compreende-se que uma sociedade saudável deva almejar equilíbrio na relação necessidade-liberdade, de modo a permitir que os Homens desenvolvam todas as suas potências em sua plenitude.

Os mencionados propósitos do *Núcleo Práxis* são realizados através de atividades que promovam a formação de uma consciência cidadã, e por conseguinte, autônoma e crítica, tais como: seminários, debates e outros eventos educativos abertos ao público em geral – especialmente aos estudantes de nível médio e universitário.

Assim, desde o início de suas atividades, o coletivo que compõe o *Núcleo Práxis* (abaixo designado) tem se reunido mensalmente, dedicando-se, como projeto inicial, à leitura e à discussão sistemática de textos pertinentes selecionados que abarquem em especial os temas da *Ética da Práxis* e de uma *Teoria das Ciências Humanas* pautada pela metodologia dialética – com vistas a elaborar material didático a ser oferecido a estudantes de ensino médio e primeiros anos universitários.

São membros do *Núcleo Práxis* os seguintes pesquisadores: Yuri Martins Fontes Leichsenring (Coordenador-Geral); Rogério Vincent Perito (Vice-Coordenador); Paulo Yasha; Carlos Alberto V. Borba; Theophile Lourenço; Fabio de O. Maldonado; Emmanuel Teixeira Carneiro; Andrea Piazzaroli; Eduardo Januário; Mariana Meyer; Igor Martins F. Leichsenring; Cleber José de Toledo; Gustavo Aranda.

Yuri Martins Fontes L.
Coordenador-Geral

(Professor e pesquisador de Pós-doutorado–Filosofia/USP)

Rogério V. Perito
Vice-Coordenador

(Economista e Pesquisador da Faculdade de Saúde Pública/USP)

2- Declaração oficial da Coordenação do LEPHE-USP formalizando a vinculação do Núcleo Práxis como projeto da entidade [desde julho de 2015]



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

São Paulo, 24 de novembro de 2015

DECLARAÇÃO

Núcleo de Trabalho e Pesquisa sobre a Práxis e Dialética de Marx (Projeto: LEPHE-USP)

Declaramos que, desde o mês de julho de 2015, data de sua formação, o *Núcleo de Trabalho e Pesquisa sobre a Práxis e Dialética de Marx* (Núcleo Práxis) é um projeto ativo que integra as iniciativas geridas pelo *Laboratório de Economia Política e História Econômica da Universidade de São Paulo* (LEPHE-USP), tendo por finalidade promover atividades didáticas, de pesquisa e extensão universitária, e sendo composto, desde sua fundação, pelos seguintes membros:

Coordenação do Núcleo

Coordenador: Yuri Martins Fontes Leichsenring
(Professor e Pós-doutorando–Filosofia/USP – Doutor em História/ USP)

Vice-Coordenador: Rogério Vincent Perito
(Economista e Pesquisador da Faculdade de Saúde Pública/ USP)

Pesquisadores Participantes

Paulo Yasha (Pesquisador – Filosofia/USP)
Carlos Alberto Borba (Pesquisador História Econômica/USP)
Theophile Lourenço (Professor e Bacharel em Filosofia/USP)
Fabio de O. Maldonado (Pesquis. Relações Internacionais – PROLAM/USP)
Emmanuel Teixeira Carneiro (Pesquisador – História/Universidade Estadual do Ceará)
Andrea Piazzaroli (Pesquisadora – História Econômica/USP)
Eduardo Januário (Pesquisador – História Econômica/USP)
Mariana Meyer (Arquiteta e Pesquisadora – FAU/USP)
Igor Martins F. Leichsenring (Professor e Historiador/USP)
Cleber José de Toledo (Pesquisador – Ciência Política/PUC-SP)
Gustavo Aranda (Cineasta e Pesquisador ECA/USP)

Prof. Dr. Lincoln F. Secco
(Coordenador do LEPHE-USP)

Prof. Dr. Everaldo O. Andrade
(Vice-Coordenador do LEPHE-USP)